

MODELAGEM EM ARGILA: PROCESSO DE CRIAÇÃO DO OBJETO TRIDIMENSIONAL POR DEFICIENTES VISUAIS

Francisco dos Santos

fsescultor@gmail.com

Universidade Regional do Cariri-URCA

RESUMO

O presente artigo aborda uma experiência realizada com deficientes visuais num processo de criação do objeto tridimensional com a modelagem em argila, realizada no SENAC (Serviço Nacional do Comercio) na cidade do Crato – CE, no ano de 2007. Cômico de toda a problemática enfrentada pelos deficientes visuais quanto às atividades artísticas apresentada em sala de aula, abordo detalhes sobre as sete técnicas de modelagem: Bola, Rolos, Placas, Blocos, Extrusão, Fundição e Torneamento, e como alguns artistas aplicam nos seus trabalhos. Como estamos trabalhando com o processo de criação não podia deixar de citar as autoras Fayga Ostrower, e Cecília de Almeida Sales ambas tratando desse tema. Entretanto, não poderia apenas falar dos procedimentos de modelagem sem compreender as necessidades dos deficientes visuais e como trabalhar esse processo com eles embora não tenha sido diferente dos videntes. Nesse curso, foi aplicada as técnicas de modelagem, acabamento e pintura apontando passo a passo os procedimentos utilizados por artistas de varias épocas. Assim pude entender que a arte abre possibilidades no sentido da valorização do indivíduo e da humanização, ao mesmo tempo em que mostrar que esse ser em construção pode e é capaz de produzir e fruir arte.

Palavras-chave: Deficientes visuais; Argila; modelagem

MODELING IN CLAY: THE PROCESS OF CREATING OBJECT FOR VISUALLY IMPAIRED TRIDIMENSIONAL

ABSTRACT

This paper discusses an experiment conducted with blind people in the process of creating three-dimensional object with modeling clay, held at Senac (National Service of Commerce) in the city of Crato - EC, in 2007. Aware of all the problems faced by visually impaired as to artistic activities presented in class, onboard details on the seven modeling techniques: Ball rolls, plates, Blocks, extrusion, casting and turning, and how some artists apply in their work. Since we are working with the creative process could not fail to mention the authors Fayga Ostrower, and Cecilia de Almeida Sales both dealing with this issue. However, it could not only speak of modeling procedures without understanding the needs of the visually impaired and how to work with them although this process has not been different seers. In this course, modeling techniques, finishing and painting pointing step by step procedures used by artists of various epochs have been applied. So I understood that art opens possibilities towards the enhancement of individual and humane, while we show that this may be under construction and is able to produce and enjoy art.

Keywords: Visually impaired; clay; modeling

INTRODUÇÃO

Ao receber o convite do Departamento de Geociências para junto com o Departamento de Letras fazermos parte de um projeto de extensão ¹“*Mapeando as cegas para e por deficientes visuais*” fiquei muito feliz, pois já havia pensado uma forma de trazer para o Departamento de Artes uma pesquisa com deficientes visuais. Esse interesse por tal temática começou antes mesmo de ter me graduado em Artes, mas isso apresentarei durante esse trabalho.

Vivemos num momento em que se fala muito das políticas públicas, da educação inclusiva. Este discurso nunca esteve tão atual no meio político e educacional. Podemos citar como um dos exemplos LDBEN 9394/96, na qual aponta que os sistemas de ensino devem oferecer as condições para atender as necessidades dos alunos com deficiências. Ainda que este seja um discurso recente, é nítido que essa luta já está presente desde o início da década de 90, pois nessa ocasião surge dois documentos muito importantes.

Tais documentos foram o início da formulação das políticas públicas da educação inclusiva. Um desses foi “A Declaração Mundial sobre Educação para todos”, que foi elaborada em junho de 1990, na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, que aconteceu em Jomtien, Tailândia. Outro foi “A Declaração de Salamanca (Salamanca - 1994)”, no qual resolveu tratar dos *Princípios, Política e Prática em Educação Especial*.

1-Atualmente o projeto de extensão “*mapeando às cegas para e por deficientes visuais*” realizado entre os departamentos de Geociência que tem como co-coordenador o professor Cássio Expedito e seu bolsista Pedro Antonio. O Departamento de Letras que tem com co-coordenador o professor Judas Tadeu Vilar Bernardo e sua bolsista Jackeline de Lima Felix e o departamento de Artes que tem como co-coordenado eu Francisco dos Santos e o bolsista Anderson Ribeiro. O coordenador geraç é o professor Dr. Jörn Seemann do departamento de Geociência

Em 1999, um decreto define a existência da educação especial transversal. Esse decreto complementa o ensino regular em todos os níveis. Desde então, as leis que orientam esse campo da educação vêm sempre se atualizando e adaptando para melhor acolher os educandos com necessidades educacionais especiais.

Porém, estudos apontam como tem sido difícil para os deficientes se adequarem a realidade das escolas, que na maioria dos casos, não está adaptada para receber pessoas portadoras de deficiências, embora isso não se aplique só às escolas. Andando pelas ruas, de qualquer cidade do país, percebemos que não há uma preocupação em adequar, nem que seja de uma forma mais básica possível, as ruas e calçadas para que os deficientes possam ter mais mobilidade ao trafegar. Porém, outro problema enfrentado pelos deficientes se encontra dentro de suas próprias casas. Suas famílias por excesso de proteção terminam confinando-os em casa, privando-os do convívio social.

Embora saibamos que é um problema generalizado em relação aos deficientes, nesse artigo abordo apenas os deficientes visuais, que tem sido o foco da minha pesquisa nesse trabalho. Tais pessoas portadoras dessas deficiências em busca do, são como sementes em terra seca, encontram um difícil terreno para florescer. No entanto como podemos definir o deficiente visual? Uma definição do Governo Federal brasileiro, através do Ministério da Educação, é uma definição curta e direta, define deficiência visual como sendo “a redução ou a perda total da capacidade de ver com o melhor olho e após a melhor correção ótica.” (BRASIL, 1994, p.16).

Falando especificamente dos deficientes visuais, percebemos que há um pré-julgamento quanto à capacidade dessas pessoas, é comum a sociedade os tratar como incapazes de se locomover, de trabalhar, de constituir uma família. Consideram que, portadores de tal deficiência não se adaptam ao sistema social escolar e político. É comum presenciarmos casos em que a própria família não acredita no potencial desses



deficientes. Nessa perspectiva as autoras Pereira e Costa (2007, p. 91) apontam: “há um pré- julgamento quanto a capacidade dos deficientes visuais pelos videntes.”

Esse pré-julgamento se estende à ambientes escolares, porém é conveniente lembrar que o decreto de 1999 define a existência da educação especial transversal, complementando o ensino regular em todos os níveis. Assim, um aluno com deficiência visual está incluído no ensino regular, portanto na disciplina de Artes. Porém, é possível para um deficiente visual esta participando de atividades das linguagens das Artes Visuais, como: desenho, pintura, escultura e fotografia?

Algumas pesquisas estão se realizando na área, como o livro *Desenho Infantil e seu ensino a crianças cegas*, de Maria Lucia Batezat Duarte, publicado pela editora ‘Insight’ em 2011. É o resultado de grande investigação teórica e um estudo de caso longitudinal, no qual durante sete anos ela ensinou desenho a uma menina cega.

No entanto, estudos demonstram que as escolas não estão preparadas para receber alunos não videntes em todos os níveis do ensino, seja por falta de estrutura física ou por não ter profissionais preparados para esse fim. Quanto à disciplina de Artes torna-se mais agravante, pois em sua maioria os professores que aplica essa disciplina não têm formação nessa área.

Outro aspecto relevante é que não ha muitas opções de cursos voltados para os deficientes. Algumas empresas privadas ou de cunho social e artístico se dispõem em oferecer algo nesse sentido. Foi assim que iniciei uma experiência que mudou minha visão em relação aos deficientes visuais.

Era o ano de 2007, ainda não havia iniciado minha graduação em Artes Visuais, mais já era escultor a mais de dez anos. Nessa época, ministrava cursos em varias instituições privados e publicas. Certo dia recebi o convite do SENAC para ministrar um curso de modelagem em argila e aceitei com toda naturalidade. Porém, não tinha



ficado claro que era para deficientes visuais, logo não houve uma preparação para esse fim. Assim, todo o curso foi preparado para videntes. Isso contribuiu muito, pois se tivesse ficado bem claro que o curso seria aplicado a deficientes visuais provavelmente teria tentado de alguma forma simplificá-lo. E isso seria uma forma de não acreditar no potencial desses alunos.

Havia elaborado um curso com as sete técnicas de modelagem em argila. Com o plano de aulas em mãos, fico sabendo que o curso seria aplicado a deficientes visuais, meia hora antes de entrar em sala. Lembro-me, que uma das minhas primeiras preocupações foi como apresentar um material para eles, será que eu poderia dizer “olhem” isso? Havia levado alguns slides com imagens de meus trabalhos, e de outros artistas, que trazia o processo das sete técnicas de modelagem. E, como apresentar esse material agora? Uma das primeiras tarefas era apresentar a modelagem, lembro que foi falando sobre qual antiga é essa técnica que comecei a primeira aula.

Entro na sala, e depois das devidas apresentações inicio não se sabe exatamente quando o homem passou a usar a modelagem como processo de criação, entende-se que um dos materiais mais usado para esse processo foi e continua sendo a argila, e esse material acompanham o homem desde os seus primórdios, acredita-se que antes mesmo do homem descobrir o fogo. Essas primeiras palavras os deixaram muito empolgados, estavam atentos e nem um ruído se ouvia na sala, a não ser minha voz. Cortei alguns blocos de argila e passei para que eles pudessem tocar e sentir a textura, quanto era macia. Percebi que o toque ia além das mãos, pois alguns encostavam a argila no rosto e diziam “como é geladinho”.

Porém, a idéia seria estimular os alunos a produzirem materiais de argila, que seria queimado tornando uma peça cerâmica. Quando os alunos começaram a modelar entendi o quanto estava cego em relação aos DVs. Compreendi que o processo de criação é inerente ao ser humano esteja ele deficiente ou não. Fayga Ostrower mostra



muito bem este assunto quando diz que “O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; e ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando.” – (OSTROWER, 2010)

Passei a criar novas possibilidades para que eles pudessem entender todo o processo de criação. Como havia falado antes havia preparado a aula para videntes e tive que adaptá-la a nova realidade, passei a descrever os slides que havia levado, e descobri que é bem mais difícil que parece fazer uma pessoa entender a forma física de algo, que você está vendo, se essa ainda não tem uma imagem desse objeto em seu arquivo mental. Assim, tudo que eu apresentava levava para eles tocarem ou ver como eles mesmos dizem, quando era algo de grande tamanho apresentava uma miniaturas, e assim fui aprendendo que há uma nova forma de ver.

a concretização de conceitos por meio de vivências no cotidiano e mediante a utilização de recursos didáticos que possam ser percebidos por todos os sentidos do corpo (tátil, cenestésico, auditivo, olfativo, gustativo e visual) é conduta indispensável para uma educação abrangente, que contemple as diversidades existentes entre os educandos. (BRUNO; MOTA, 2001, p. 75)

Iniciamos o processo de modelagem, passamos a estudar as sete técnicas de modelagem com a argila. Bola, rolos, placas, bloco, torno, extrusão e fundição. E, pouco a pouco os alunos iam me ensinando o quanto eu era preconceituoso em relação às deficientes visuais, em sua maioria eram pessoas determinadas e aguerridas, faziam suas modelagens com determinação e zelo, e iam dando forma ao que viam em suas mentes, isso me lembrou o que diz Ostrower “Criar corresponde a um formar, um dar forma a alguma coisa. Sejam quais forem os modos e os meios, ao se criar algo, sempre se o ordena e se o configura. (OSTROWER 2010). Assim a argila ia tomando forma. E, fiquei muito entusiasmado com os primeiros resultados, um desses alunos o Eleonardo do Nascimento, me surpreendeu com trabalhos que superaram em muito, os alunos videntes de outros cursos.

Suas peças apresentavam qualidades técnicas que era quase impossível acreditar que ele havia feito sozinho. Passei a registrar em vídeo, pois era a forma que eu tinha de provar que aquelas peças estavam sendo feitas por deficientes visuais.

Assim compreendi que a Arte abre muitas possibilidades no sentido da valorização do indivíduo e da humanização. Dentro do processo artístico o indivíduo se desconstrói e se constrói mutuamente, o fazer artístico mostrar que ele pode e é capaz de produzir e fruir arte, pois “a natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorizações culturais se moldam os próprios valores de vida. [...]” (OSTROWER,2010) a Arte ainda contribui para a compreensão dessas pessoas com o mundo a sua volta.

Essa experiência estética artística cominou em uma exposição onde todos os deficientes visuais puderam tocar os trabalhos produzidos no curso e visualizando sensorialmente os trabalhos realizados por seus colegas. Como podia ser gratificante se todos deficientes tivessem mais oportunidades e recursos técnicos para poderem desfrutar de exposições, em galerias e museus.

Assim entendemos que há especificidades para os Dvs. Para essas pessoas as percepções do mundo se dão de maneira diferente da dos videntes, eles precisam de estímulos diversos, assim suas percepções vem através do tato, olfato, paladar, som; e contato físico com os objetos, enfim o espaço de vivência diário como um todo, para os que nascem cegos se torna mais grave, pois não possuem nenhum tipo de referência imagética na memória.

portanto esse trabalho me fez perceber o quanto eu era cego em relação aos deficientes visuais, não acreditando em seu potencial, e desconhecendo suas formas de superar sua deficiência. Hoje, tenho muito orgulho de dizer que aquele curso deixou bons frutos. O aluno Eleonardo Nascimento hoje é um escultor, tem seu ateliê na cidade



do Crato-CE, faz exposições periódicas, tendo viajado para muitas cidades de vários estados do país com seus trabalhos.

Suas peças retratam o homem do campo, como um homem puxando um burro, capinando o mato, a lavadeira, o agricultor com o fecho de lenha no ombro. A maioria das cenas traz resquícios de sua infância quando ainda era vidente. Seu ateliê é sempre visitado por professores que levam seus alunos para que ele possa falar de sua experiência com a argila e de como ele consegue produzir suas esculturas.

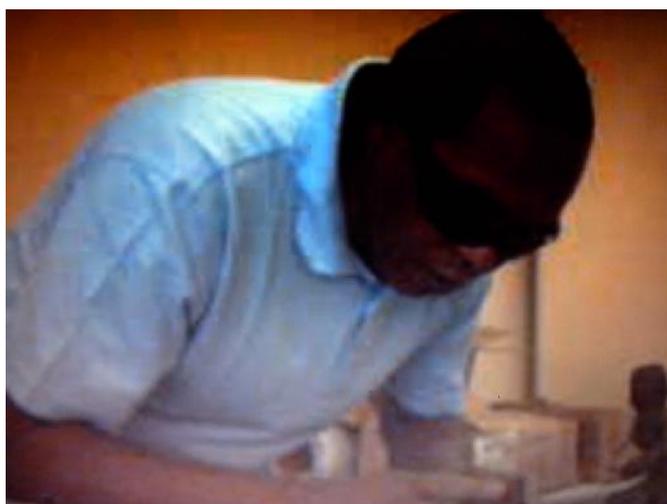


Figura 2 Eleonardo Nascimento (SANTOS. F)

É presidente da Associação dos Deficientes Visuais do Cariri, situada na cidade do Crato-CE onde regularmente ministra oficinas de escultura em argila para videntes e não videntes. Embora nem todos continuassem com as atividades em argila, alguns ainda vez por outra se encontram para fazerem algumas peças juntos e reviver os momentos que para eles foi muito significativo.

REFERÊNCIAS

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro, Vozes, 2010.

Souza, João Wesley de. **Modelagem** - Vitória : UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2010.

SALES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 2ª edição. Cecília Almeida Sales. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.

BRASIL. **Política nacional da educação especial**. Secretaria da Educação Especial. Brasília: SEEP/MEC, 1994.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; MOTA, Maria Glória Batista da (Coord.) A Escolarização do Aluno com Deficiência Visual. In: **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual vol. 2**, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001. (Série Atualidades Pedagógicas; 6)